

NOTAS SOBRE UMA EDUCAÇÃO PSICANALITICAMENTE ORIENTADA

LIMA, Valéria Alves de¹
Universidade Federal de Goiás
valerialima@gmail.com

Palavras-chave: Educação, psicanálise.

Para pensar a questão da educação, tão cara nos dias que correm procuramos, nesta pesquisa, trabalhar à luz da psicanálise, não como aplicação ou numa tentativa de adaptação, mas como uma teoria que nos ajuda a pensar a educação. Embora seja possível compreender que Freud traça uma contribuição psicanalítica para o campo da educação no registro de uma “aplicação”, é preciso considerar que esse termo não costuma ser tomado da mesma forma pelos psicanalistas, que partem de experiências singulares, trabalhando o sujeito, e pelos pedagogos, que voltam seu olhar para procedimentos didáticos visando o coletivo. Aplicar, no sentido de deduzir de um saber cientificamente estabelecido, para melhorar a existência da criança é uma prática educativa. Da mesma forma que não se pode derivar da psicanálise pedagogia alguma, também a educação não está no poder de resolução dos analistas, “a psicanálise, diz Freud, pode proporcionar uma ajuda à educação mas não poderá substituí-la” (Manonni, 1977, p. 52).

Talvez uma das mais polêmicas – e hoje com interpretações das mais equivocadas – entre as ponderações de Freud é aquela em que ele afirma que educar, ao lado de governar e psicanalisar, é uma profissão impossível (Freud, 1937). Entretanto, essa impossibilidade a qual Freud se refere não tem em absoluto nada a ver com as dificuldades do ato educativo e nem deve ser com ela confundida. Em outras palavras: existe impossibilidade onde o inconsciente opera. Podemos dizer, portanto, que a educação é feita também de seu avesso, ou seja, é preciso reconhecer que todo ato educativo é revestido de manipulação, sedução, infantilização – isto é, a criança recalcada opera e inspira a maioria das ações dos adultos. A educação remete-nos a algo do impossível, ou seja, o fracasso é constitutivo do ato educativo, engendrado pelo sistema, pela instituição escolar ou familiar. Ao se trabalhar com sujeitos em suas particularidades, o sucesso nunca está assegurado, pois na educação vive-se a ambigüidade, o desvio, a pulsão – essa que busca satisfação a qualquer preço e acima de qualquer moralidade. Esbarra-se nos limites da influência de um sujeito sobre outro, das singularidades impossíveis de se desvelar. Pais e professores encontram-se nesse embaraço de impossibilidades cujo resultado funcional deve habituar-se a fracassos e faltas.

Não temos aqui a intenção de realizar psicanálise, mas usar dos dispositivos que ela nos oferece, sem com isso enveredar em sua clínica, entendendo que se torna necessária a referência à psicanálise para podermos pensar o estatuto do educador e das experiências educativas – tanto familiares quanto escolares, ou seja, para pensarmos o sujeito como um sujeito de desejo. Procuramos, então, verificar os deslizamentos da linguagem, os movimentos do discurso, os lapsos e descontinuidades da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, bolsista CAPES 2006/2007.

língua para, a partir daquilo que nos faz questão, articular nosso dizer, muito embora não o façamos sem hesitação, sabendo que estes conceitos nos são extremamente caros. Nossa relação com a linguagem é uma relação apreendida no nascimento do desejo no sujeito, o qual, antes mesmo de estar apto a usar a palavra, fez a experiência de pertencer ao mundo da linguagem e percebeu que esta o constitui e, por conseguinte, que o outro pode lhe responder sim ou não, isso significa dizer que somos sujeitos castrados pela linguagem. Assim, a teoria psicanalítica antecipa o sujeito, isto é, toma como questão a cadeia significante cujo funcionamento converte a criança em sujeito, a mulher e seu filhote em mãe e filho.

Isso posto, analisemos um pouco mais a questão da educação, esta que nos aparece hoje como uma via de mão única: apesar das falsas evidências que a apontam em duas vias – tradicional ou liberal – o que podemos perceber é que ambas as teorizações partem e vivem num mesmo pressuposto: o da autoridade do adulto sobre a criança. O fato é que, como afirma Sartre (apud Manonni, 1977, p. 56, nota 28) “uma educação severa trata a criança como instrumento, pois tenta dobrá-la à força a valores que ela não admitiu, mas uma educação liberal, para outros métodos, não deixa igualmente de fazer uma escolha *a priori* de princípios e valores, em nome dos quais a criança será tratada”. Não existe diferença fundamental entre a educação autoritária e a educação “progressista”, ambas assentem numa coerção que, num caso assume a forma de violência física e noutro caso, adota uma forma mais sutil de violência psíquica encoberta; trata-se de persuadir a criança de que tudo se faz com seu próprio consentimento. Hannah Arendt (1987, p. 245) já destaca essa ambigüidade nos sentidos da educação afirmando que “o problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso por uma tradição”. Maud Manonni (1977, p. 39), por sua vez, afirma que “a coerção está no âmago de toda educação, seja ela liberal ou autoritária; a violência está sempre presente, mascarada (sob forma de manipulação moral) ou manifesta”.

Um dos maiores problemas da educação *a priori* proposta tanto pela pedagogia libertária quanto pela tradicional é que os adultos sempre tomam decisões pelas crianças. “Chega-se destarte a uma situação em que a criança, privada de uma possibilidade real de escolha, colhida e imobilizada no sistema de alternativa, está *submetida* a um estado de fato acreditando que tem nas mãos a iniciativa”, como assinala Manonni (1977, p. 35). Porém quando estas chegam à juventude, são obrigadas a tomarem, sozinhas, suas próprias decisões e o resultado disso é fácil de prever.

Em contrapartida, a impossibilidade da educação psicopedagógica hoje é diferente da que propunha Freud. A impossibilidade apontada por Freud diz respeito à educação que de nenhuma maneira é simples e por isso não pode ser reduzida a uma dimensão instrumental. Numa profissão impossível, na perspectiva freudiana, não se pode controlar o sujeito por essa relação ser mediada pela palavra e esta palavra é furada, ou seja, há impossibilidade de controle nessa relação, pois nunca se sabe dos efeitos da palavra sobre o sujeito nela implicado.

Nos dias que correm o cientificismo na educação, adotado a partir do movimento escolanovista, enfatiza a primazia na técnica, tomando o outro como objeto, ou seja, para que a instituição escolar e/ou familiar possa funcionar é preciso foracluir o sujeito.

A ciência busca sempre exatidão, para isso tenta fazer com que seu objeto fique dócil à dominação, eliminando qualquer equívoco numa tentativa de eliminação do impossível. Um dos maiores problemas dessa posição técnica é o fechamento para o inesperado, há uma suposta preparação (ou seja, o sujeito fica pré-parado) dos pais e professores para as situações cotidianas, sejam escolares ou familiares. Essa preparação procura prever o que acontecerá nas mais variadas situações e ensina os adultos a se comportarem diante de tal fato; manuais para pais e metodologias de ensino dos mais variados tipos estão à disposição de todos “explicando” o funcionamento cognitivo e até mesmo afetivo das crianças.

A educação hoje nos aparece como um lugar de aplicação de técnicas e metodologias: os professores se sentem inferiores à ciência que aplicam. A ciência, ou melhor dizendo, o cientificismo, autoriza o ato educativo; o aluno é seu objeto de estudo, porém os professores jamais vão encontrar em suas classes essas crianças idealizadas por ela. O mal-estar do professor consiste hoje em estar demasiado pré-parado, esperando uma situação que nunca vem; o que vem é sempre o inesperado e com este não sabemos lidar, pois não há resposta a ser dada à educação pela psicanálise, o que há é uma brecha analítica para pensar uma possibilidade de agenciamento de algo que falha. A psicanálise se presta a pensar o mundo que aí está e romper com a idéia de um mundo melhor; a posição da psicanálise é interpretativa. Ensinar não é psicanálise.

O cientificismo aliado às novas técnicas educacionais, por meio do discurso capitalista, tende à busca da satisfação imediata de um desejo. A expressão “deixar a desejar”, comumente usada, atesta a exclusão do desejo no sujeito e sua imediata satisfação. Entendemos que uma boa educação implica em deveres, débitos com as instâncias simbólicas de autoridade que nos impõe os limites que abrem para nós o campo do desejo. Estas instâncias são constitutivas de identificações simbólicas as quais cada um deve seu desejo, isto é o que chamamos dívida simbólica. As ciências da educação hoje nos aparecem numa forma prescritiva, ou seja, sai do campo analítico e entra no campo normativo: a teoria não mais nos ajuda a pensar, mas oferece respostas para nossas indagações. Há uma tentativa de adaptação: prescreve-se o funcionamento do aluno e conjetura-se a atuação do professor. Atualmente parecemos ter nos esquecido de que a dimensão ética da educação é mais importante do que a mera técnica.

Contíguo ao cientificismo está a psicologização do discurso escolar. Nos últimos tempos tem havido uma renúncia à educação e às instituições pedagógicas, assumindo seu lugar uma (psico) pedagogização das experiências educativas, ou seja, a psicologização da reflexão pedagógica moderna.

Nos dias atuais, e já há mais de um século, os adultos estão tencionados a se ofuscar renunciando ao ato educativo para assim vir a formar crianças “felizes e criativas”². Do mesmo modo, a pedagogia também vem se rendendo a semelhante ilusão e o cotidiano escolar, embora ainda apresente pontos de resistência, passa a tencionar-se a partir desse ideário. Há certo tempo atrás, educadores, pais, filósofos, teólogos e moralistas discutiam sobre as vicissitudes da educação. Hoje quem reclama para si esse direito são os psicopedagogos – supostos detentores de certos saberes “psi” aplicados (cf. Lajonquière, 1999).

² Cf. AIRÈS, P. *A História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

A fórmula (psico) pedagógica que se apresenta hoje vem em forma de educar para o futuro, isto é, a ilusão de que se deve educar para um suposto futuro, ou para o que se imagina que serão as necessidades do futuro, esquecendo-se assim da história parental existente e presente, ou seja, aniquila-se a dialética temporal. Na modernidade, a educação visa atingir a potencialidade de vir a ser num futuro através do desenvolvimento psicológico, isso implica na demissão do ato educativo, pois a tentativa de educar colocando-se no futuro psicológico que se imagina para a criança para, assim, saber das necessidades adaptativas que o tempo lhe reserva, além de implicar em uma impossibilidade fatural, é reacionária, embora revestida de progressista ou anti-autoritária.

Pensando a educação moderna como uma tentativa de junção das teorias de Freud e Piaget, o cientificismo as apresenta numa tentativa de “trabalhar o sujeito como um todo”, ou seja, inteligência e afetividade juntas. Entretanto, não é possível considerar que a epistemologia genética e a psicanálise outorguem fundamentação científica a qualquer pedagogia que seja. A inspiração piagetiana trouxe para o Brasil uma abordagem das escolas como “casa das ciências”. Do mesmo modo, através dessa abordagem, são avaliados as escolas e os alunos e em função dela se proliferarem as novas abordagens, as novíssimas abordagens do diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

O cientificismo, a técnica e a metodologia encobrem o desejo no sujeito, a criança da psicologia não tem desejo, ou seja, não é castrada, pois a ciência mascara o caráter simbólico da dívida para com as gerações anteriores. Entre o ego e do educador e o entendimento do aluno se interpõe o inconsciente, desse modo, educar é endereçar a palavra à criança e isto implica o reconhecimento do mundo que aí está, ou seja, reconhecer a castração, o desejo, a dívida simbólica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- BACHA, M. N. *Psicanálise e Educação: laços refeitos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CIFALI, M. *Freud pedagogo? Psycanalyse et education*. Paris: InterÉditions, 1982.
- LACAN, J. *O Seminário: Livro 17 – o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Coleção Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Editor, 1987.
- LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAJONQUIÈRE, L. *Sobre aquilo que nenhuma reforma pode mudar na educação*. Piá Piou! – Fundo de Cultura e Extensão da USP, São Paulo, p. 2-3, 01 set. 2005.
- MANNONI, M. *Educação Impossível*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- SEIXAS, R. *Sapato 36*. Manaus: Warner Music Brasil, 1990. CD.